

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores de indústria, comércio e serviços

Sumário

O ritmo de crescimento registrado pelo produto interno bruto (PIB) na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2024 nos surpreendeu positivamente, assim como os demais analistas. Diferentemente do que considerávamos provável à época, os efeitos das enchentes no Sul, particularmente em termos agregados, parecem ter se exaurido no curto prazo, gerando apenas volatilidade ao longo do segundo trimestre – com quedas acentuadas em maio sendo seguidas de fortes crescimentos em junho nos indicadores mensais de atividade econômica. Com relação ao nosso diagnóstico à época, o crescimento da economia em 2024 continua liderado pela demanda interna, com maior participação dos componentes mais sensíveis ao ciclo econômico, estimulados até então pela trajetória de queda nas taxas de juros e por políticas de sustentação de renda do governo.

Tendo como pano de fundo a pujança do mercado de trabalho, acompanhada por melhores condições de acesso ao crédito, o desempenho das vendas de bens e serviços manteve a tração ao longo de 2024. Após um ano decepcionante como foi 2023, a demanda por bens de capitais também tem sido um dos destaques positivos, potencializando uma recuperação verificada na indústria de transformação, embora num ritmo ainda modesto. Como consequência, além do bom desempenho da produção interna, as importações seguem registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do consumo aparente (CA) de bens industriais, *vis-à-vis* a produção física.

Os resultados referentes aos primeiros meses do segundo semestre, em parte ainda afetados pela volatilidade observada nos últimos meses, não apontam grandes alterações neste cenário. Todavia, esperamos até o final do ano alguma desaceleração em relação ao ritmo de crescimento verificado na primeira metade de 2024. No âmbito da política econômica, enquanto o Banco Central do Brasil (BCB) iniciou em setembro último um ciclo de aumento da taxa de juros, o impulso fiscal por parte do governo tende a ser menor que o ocorrido anteriormente. Já com relação à situação financeira das famílias, embora a trajetória da massa de rendimentos continue mostrando ganhos reais, a trajetória de alguns índices de preços, notadamente no setor de serviços, tem se tornado menos benigna.

Nesse contexto, o Monitor do PIB da Fundação Getúlio Vargas (FGV), um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, iniciou o terceiro trimestre exibindo recuo de 0,4% em julho, na comparação livre de efeitos sazonais. Já na comparação interanual, o crescimento foi de 5,4%, maior variação positiva desde março de 2023. Com o resultado de julho, o

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa
da Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 30 de setembro de 2024.

efeito de *carry-over* em relação ao terceiro trimestre de 2024 ficou em 1,0%. Já o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) registrou desempenho similar, com queda de 0,1% na margem e crescimento de 5,3% em termos anuais, deixando um carregamento estatístico de 0,6%.

Principal *driver* da economia brasileira, o consumo de serviços segue mantendo um ritmo de crescimento favorável. Conforme temos chamado atenção, todavia, a relação estreita entre a atividade do setor e a dinâmica do mercado de trabalho pode se tornar um fator de risco. Isso porque o aumento dos níveis de ocupação no setor tem acontecido com mais intensidade em segmentos com baixa produtividade. Num cenário em que as taxas de desocupação seguem em mínimas históricas, a pressão por reajustes salariais é uma consequência provável e esperada, gerando aumento de custos e repasses de preços em alguma medida. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a receita real do setor cresceu 1,2% em julho, já descontados os efeitos da sazonalidade. Em relação a agosto, tendo por base os últimos dados disponíveis, a Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea) estima uma acomodação, com queda de 0,9% na comparação dessazonalizada e alta de 2,5% na comparação interanual.

Assim como a demanda por serviços, o cenário referente ao comércio de bens seguiu basicamente inalterado nos primeiros sete meses do ano. Além dos ganhos reais provenientes do rendimento do trabalho e das transferências de renda implementadas pelo governo, as melhorias no acesso ao crédito explicam boa parte deste desempenho. Em relação aos próximos meses, todavia, alguma desaceleração é possível, explicada em boa medida pela expectativa de menor impulso fiscal e pelo ciclo de aumento dos juros. Nesse contexto, a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE indicou pequena alta em julho, com avanço de 0,1% na margem. Excluindo as vendas de autoveículos, materiais de construção e o atacado de alimentos, o comércio varejista cresceu 0,6%, na mesma base de comparação. Em termos anuais, o resultado foi positivo em ambos os agregados, com altas de 7,2% e 4,4%, respectivamente. Para agosto, a Dimac/Ipea espera nova estabilidade na margem, com recuo de 0,2% contra julho, com alta de 3,8% em termos anuais.

A indústria segue dando indícios de recuperação em 2024. Entre os grandes grupos econômicos, estimulados pelo dinamismo da demanda interna, a produção de itens com uso no setor de bens de capital – com forte contribuição de caminhões e ônibus – e a produção de bens de consumo duráveis continuam como os destaques positivos. As importações seguiram registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do CA de bens industriais. Entre os fatores condicionantes, verifica-se um quadro com estoques ajustados e nível de utilização da capacidade instalada (Nuci) rodando acima da média histórica. Por sua vez, a trajetória de preços ao produtor saiu da zona de deflação e já apresenta crescimento. Em julho, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), a indústria recuou 1,4% na margem, com alta de 6,1% na comparação interanual. O resultado sucedeu à forte alta em junho (4,3%). Em relação a agosto, estimamos virtual estabilidade na margem para a indústria geral (0,1%) e avanço de 0,3% para o setor manufatureiro, ambos na comparação dessazonalizada. Na comparação interanual teríamos crescimento de 2,3% e 2,4%, respectivamente.

Com relação às pesquisas qualitativas, o Índice de Confiança Empresarial (ICE), calculado no âmbito das sondagens setoriais da FGV, atingiu o patamar de 98,7 pontos em agosto. O resultado representou um avanço de 0,7 ponto sobre o patamar de julho, na série dessazonalizada. Entre os setores, enquanto o nível médio de confiança dos empresários da indústria de transformação permaneceu estável na zona que denota otimismo, os empresários dos setores de serviços e da construção indicaram alguma melhora, aproximando-se da zona de neutralidade. O destaque negativo mais uma vez ficou por conta do comércio, que registrou queda de 1,8 ponto na margem, contrastando com o aumento na confiança dos consumidores. A Confederação Nacional da Indústria (CNI),

por meio da pesquisa Sondagem Industrial, revela um crescimento do setor no mês de agosto, com expansão da produção, número de empregados e Nuci. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em agosto permaneceu na zona que indica crescimento, embora a atividade na indústria tenha desacelerado para uma quase estagnação.

1 Resultados gerais

O ritmo de crescimento registrado pelo PIB na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2024 nos surpreendeu positivamente, assim como os demais analistas. Diferentemente do que considerávamos provável à época, os efeitos das enchentes no Sul, particularmente em termos agregados, parecem ter se exaurido no curto prazo, gerando apenas volatilidade ao longo do segundo trimestre – com quedas acentuadas em maio sendo seguidas de fortes crescimentos em junho nos indicadores mensais de atividade econômica.

Tendo como pano de fundo a pujança do mercado de trabalho, acompanhada por melhores condições de acesso ao crédito, o desempenho das vendas de bens e serviços manteve a tração ao longo de 2024. Após um ano decepcionante como foi 2023, a demanda por bens de capitais também tem sido um dos destaques positivos, potencializando uma recuperação verificada na indústria de transformação, embora num ritmo ainda modesto. Como consequência, além do bom desempenho da produção interna, as importações seguem registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do CA de bens industriais, *vis-à-vis* a produção física.

Os resultados referentes aos primeiros meses do segundo semestre, em parte ainda afetados pela volatilidade observada nos últimos meses, não apontam grandes alterações neste cenário. Todos os principais indicadores analisados registraram crescimento na comparação interanual em julho, resultado que também ocorreu no acumulado do ano. Embora uma grande parte deles tenha registrado queda em relação ao mês de junho, período caracterizado por fortes taxas de crescimento na margem, a análise em médias móveis trimestrais ainda revela um ritmo de crescimento favorável. Neste período, a produção industrial, segundo a PIM-PF, inclusive acelerou sua taxa de crescimento, que passou de 0,7% em junho para 0,9% em julho. O resultado deixa um *carry-over* também de 0,9% para o terceiro trimestre. Entre as classes de produção, destaca-se o crescimento de 1,8% das indústrias extrativas no trimestre móvel encerrado em julho, após quatro meses de queda nesta base de comparação. Já o segmento da transformação, por seu turno, registrou alta de 0,8%, a décima consecutiva. Pelo lado da demanda, tanto o Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) quanto o Indicador Ipea de Consumo Aparente de Bens Industriais registram desempenho similar (tabela 1).

TABELA 1

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior					Acumulado			
	Trí móvel Abr./23	Trí móvel Maio/23	Trí móvel Jun./24	Trí móvel Jul./24	Carry-over (T3/24)	Trí móvel Abr./23	Trí móvel Maio/23	Trí móvel Jun./24	Trí móvel Jul./24	Carry-over (T3/24)	No ano (interanual)	No ano (margem)	Em doze meses	Carry-over (2024)
PIB IBGE			1,4					3,3			2,9	2,5	2,5	2,7
IBC-Br	1,2	0,8	1,1	1,3	0,6	2,3	1,2	2,9	3,2	4,2	2,6	2,7	2,0	2,9
Monitor do PIB	1,4	1,0	1,2	1,4	1,0	2,9	2,1	3,3	3,4	4,7	3,2	3,1	2,7	3,6
PIM-PF	0,4	0,0	0,7	0,9	0,9	2,0	1,2	3,3	2,7	4,0	3,2	1,2	2,2	2,9
TRANSFORMAÇÃO	1,5	0,6	0,9	0,8	1,0	-0,1	1,4	3,9	3,2	4,7	3,4	2,9	1,7	3,4
EXTRATIVAS	-5,4	-3,9	-0,7	1,8	0,3	13,3	0,1	-0,1	0,2	0,7	1,8	-7,7	4,7	0,0
PMC ampliado	2,2	1,5	0,3	0,6	0,6	3,4	2,7	4,0	4,7	5,3	4,7	4,2	3,8	4,4
PMC restrito	2,7	2,7	1,5	1,1	0,3	2,5	5,2	4,7	5,4	4,3	5,1	6,0	3,7	4,8
PMS	0,4	0,2	0,6	1,3	2,1	0,7	0,6	1,7	1,6	4,1	1,8	3,0	0,9	2,7
FBCF - IPEA	3,6	2,1	2,1	1,3	1,2	-0,7	2,1	5,7	5,1	9,4	5,1	6,0	0,4	6,3
CA IND - IPEA	2,9	1,8	2,7	2,8	1,0	0,9	3,1	5,4	6,3	7,7	5,3	5,4	2,1	5,9

Fonte: IBGE, FGV e Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por sua vez, o comércio varejista (conceito ampliado), de acordo com a PMC, após desacelerar ao longo do segundo trimestre, voltou a ganhar ritmo no mês de julho, com alta de 0,6%. Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficou positivo nesta mesma taxa. O varejo restrito, mais influenciado pela renda, vem perdendo fôlego desde maio, embora o trimestre móvel encerrado em julho ainda apresente expansão de 1,1%. Por fim, segundo a PMS, a receita real de serviços registrou trajetória de aceleração nos últimos dois meses, com alta de 1,3% em julho. Com isso, o setor inicia o terceiro trimestre com um *carry-over* de 2,1%.

O comportamento dos indicadores que buscam sumarizar a atividade econômica brasileira apresentou resultado similar no período recente. Tanto o Monitor do PIB, da FGV, quanto o IBC-Br registraram aceleração entre os meses de maio e julho. Ainda em termos agregados, o indicador de difusão calculado pelo Ipea também exibiu volatilidade, ficando num nível abaixo de sua média histórica, situada em 51,5%. Em julho, 41,7% dos segmentos analisados registraram variação positiva, em comparação com 74,8% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão atingiu 51,6% em julho (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes a agosto, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta uma acomodação no ritmo de crescimento setorial. A produção industrial deve apresentar alta de 0,1% em agosto, na série sem efeitos sazonais, influenciada em grande medida pelo crescimento da transformação. O setor de serviços, por sua vez, deve apresentar recuo de 0,9% na margem, porém com uma contribuição positiva do segmento de serviços prestados às famílias. Para o setor de comércio, estamos prevendo pequena margem para as vendas no conceito ampliado e uma acomodação mais forte para o varejo restrito, com queda de 1,1%.

TABELA 2

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para agosto de 2024

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Maio/24	Jun./24	Jul./24	Previsão Dimac/Ipea - Ago./24	Maio/24	Jun./24	Jul./24	Previsão Dimac/Ipea - Ago./24
Produção Industrial	-1,5	4,3	-1,4	0,1	-1,2	3,2	6,1	2,3
Comércio Varejista (ampliado)	0,8	0,3	0,1	-0,2	4,9	2,1	7,2	3,8
Comércio Varejista (restrito)	0,9	-0,9	0,6	-1,1	7,8	4,1	4,4	3,5
Serviços	-0,5	1,7	1,2	-0,9	-0,2	0,8	4,3	2,5

Fonte: IBGE e Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

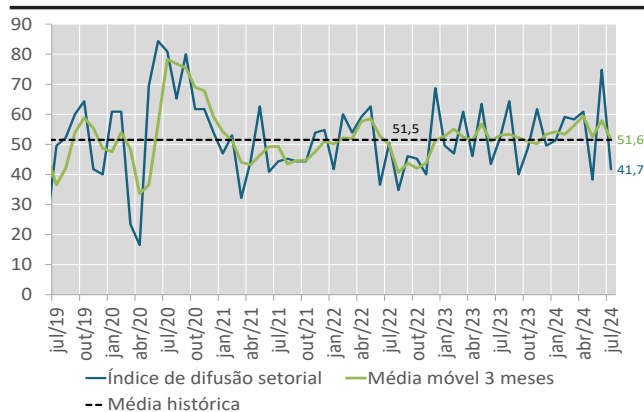
2 Indústria

A indústria segue mostrando sinais de recuperação em 2024. Os efeitos causados pelas enchentes ocorridas no Sul parecem ter sido de rápida duração, mas contribuíram para o comportamento mais volátil apresentado pela indústria em tempos recentes. Em julho, de acordo com a PIM-PF/IBGE, a indústria recuou 1,4% na mar-

GRÁFICO 1

Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (jul./2019-jul./2024)

(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

gem, resultado que sucedeu a forte crescimento de 4,3%. Na comparação interanual, a produção cresceu 6,1%, acumulando alta de 3,2% nos primeiros sete meses de 2024 (tabela 3). A análise por médias móveis trimestrais dessazonalizadas, todavia, aponta uma aceleração entre junho e julho. Já o segmento da transformação segue mantendo um ritmo bastante regular durante todo o período, registrando alta de 0,8% no trimestre móvel encerrado em julho. As indústrias extrativas, por sua vez, embora não repitam o excepcional ritmo de crescimento do ano passado, registraram alta de 1,8% no acumulado até julho. Entre os grandes grupos econômicos, estimulados pelo dinamismo da demanda interna, a produção de itens com uso no setor de bens de capital – com forte contribuição de caminhões e ônibus – e a produção de bens de consumo duráveis continuam como os destaques positivos. Parte deste aumento na demanda por bens industriais continua sendo suprida pelas importações, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do CA de bens industriais (gráfico 2).

TABELA 3

Produção industrial e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior				Acumulado		
	Maio/24	Jun./24	Jul./24	Trim. ¹	Carry-over 3Trim.	Maio/24	Jun./24	Jul./24	Trim. ¹	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses
Geral	-1,5	4,3	-1,4	0,9	0,9	-1,2	3,2	6,1	2,7	1,2	3,2	2,2
Classes												
Indústrias Extrativas	3,1	2,6	-2,4	1,8	0,3	-0,1	1,1	-0,4	0,2	-7,7	1,8	4,7
Transformação	-2,4	4,9	-1,3	0,8	1,0	-1,4	3,6	7,3	3,2	2,9	3,4	1,7
Grupos Econômicos												
Capital	-1,9	0,8	2,5	1,2	2,3	3,9	9,1	17,3	9,9	17,4	6,8	-2,4
Intermediários	-0,6	2,3	-0,3	0,5	1,0	-2,0	1,4	4,0	1,1	-2,0	2,3	2,1
Consumo	-2,3	7,0	-2,5	1,8	1,1	-0,2	6,2	8,7	4,9	3,7	4,5	3,4
Duráveis	-6,4	5,9	9,1	3,0	10,8	-10,5	12,1	31,4	9,7	17,1	8,1	3,5
Semi e Não-Duráveis	-0,4	4,5	-3,1	2,0	-0,4	1,5	5,4	5,5	4,1	2,6	3,9	3,4
Insumos da Construção Civil	-3,1	4,4	1,0	0,0	2,8	0,1	2,3	8,6	3,7	5,1	4,0	1,8

Fonte: PIM-PF/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

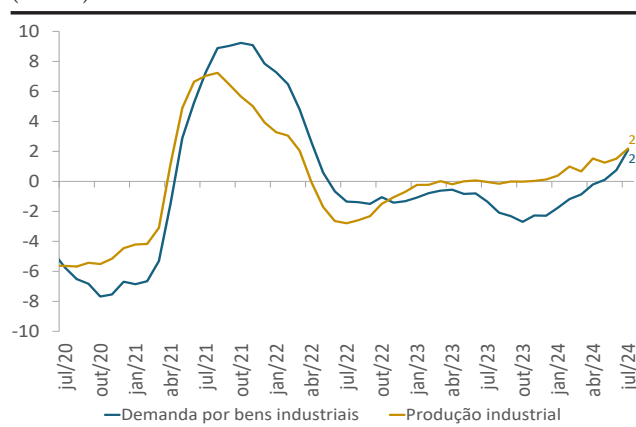
Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Tendo por base a comparação do acumulado no ano, todos os segmentos registraram crescimento em termos interanuais (gráfico 3). Em termos dessazonalizados, quando acumulamos as taxas na margem ao longo dos sete primeiros meses de 2024, o setor extrativo e a produção de itens para uso intermediário perderam ritmo ao longo do ano, situando-se no quadrante superior esquerdo do gráfico. A análise segundo a classificação por setor de destino corrobora o crescimento da demanda por bens de capital para fins industriais, que acumulou alta de 8,8% no primeiro quadrimestre, em termos dessazonalizados. Entre os setores mais demandantes de bens de capital, os destaques ficam para bens de capital de uso misto e equipamentos de transporte, com crescimento acumulado em termos dessazonalizados de 33,2% e 22,2%, respectivamente (gráfico 4).

GRÁFICO 2

Demanda por bens industriais versus produção industrial: taxas de variação acumuladas em doze meses

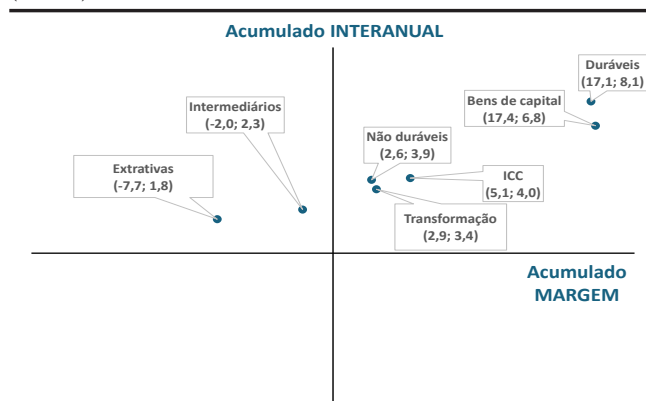
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
Produção industrial e grandes grupos econômicos: taxas de crescimento acumuladas no ano
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

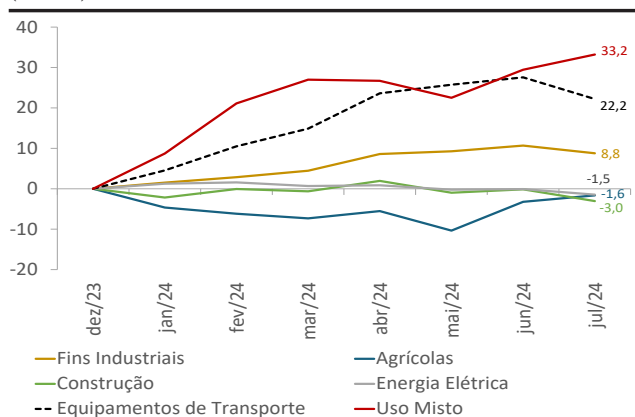
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: 1. A comparação acumulada na margem é calculada a partir das taxas mensais dessazonalizadas entre os meses de janeiro e dezembro.

A análise pelo lado da oferta, que computa o ritmo de produção por categoria de uso, corrobora a recuperação dos investimentos em 2024, mas é importante fazer alguns destaques. Entre os setores em que parte dos produtos é utilizada como bens de capital, a maior contribuição para o bom resultado até aqui tem vindo da fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias, particularmente da produção de caminhões e ônibus. Este segmento, cujo peso no grupo bens de capital corresponde a 17,5% (segundo mais pesado), acumulou altas de 31,8% em termos anuais e 31,2% na margem (gráfico 5). Já o segmento máquinas e equipamentos, com peso de 42,2%, ainda acumula perda de 3,9% no acumulado interanual. A produção de outros equipamentos de transporte, por sua vez, exibe queda nas duas métricas, ocupando o quadrante inferior esquerdo do gráfico.

Entre os fatores condicionantes, verifica-se um quadro com estoques ajustados e Nuci rodando acima da média histórica. Por sua vez, a trajetória de preços ao produtor saiu da zona de deflação e já apresenta crescimento. Segundo as sondagens industriais da FGV e da CNI, após permanecerem em níveis considerados excessivos desde 2022, os estoques da indústria de transformação têm caído desde o segundo semestre de 2024. De acordo com a CNI, particularmente, já estariam, inclusive, em níveis abaixo dos planejados desde janeiro de 2024 (gráfico 6). Em relação aos custos, o Índice de Preços ao Atacado (IPA), da FGV, registrou crescimento de 4,6% no preço dos bens intermediários no acumulado do ano até agosto de 2024. Já os produtos pertencentes ao grupo matérias-primas brutas cresceram 4,5% na mesma base de comparação.

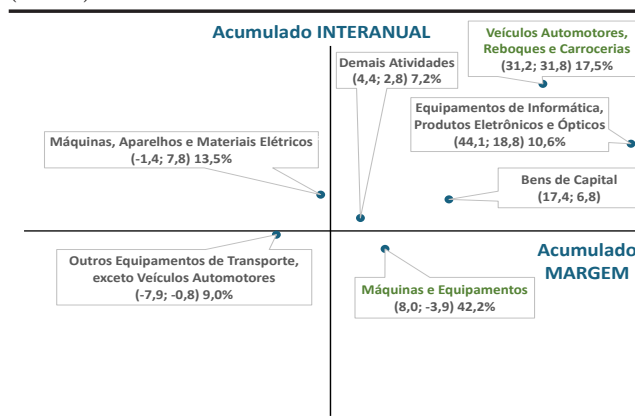
GRÁFICO 4
Demanda setorial por bens de capital: médias móveis trimestrais (taxas de crescimento dessazonalizadas)
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
Produção de bens de capital: taxas de crescimento acumuladas no ano
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: A comparação acumulada na margem é calculada a partir das taxas mensais dessazonalizadas entre os meses de janeiro e dezembro.

TABELA 4

IPA: taxas de variação acumuladas

(Em %)

	Set./22-Ago./23	Set./23-Ago./24
IPA - todos os itens	-10,8	4,1
Bens finais	-2,1	3,2
Bens de consumo duráveis	3,9	1,1
Alimentação	-3,4	3,4
Combustíveis	-27,5	10,7
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	3,7	3,7
Bens de investimento	3,7	1,4
Bens intermediários	-13,1	4,6
Materiais e componentes para a manufatura	-7,9	5,3
Embalagens	3,0	3,9
Suprimentos	-23,8	1,9
Matérias-primas brutas	-16,2	4,5
Mat. Primas brutas agropecuárias	-19,7	6,0
Minerais	-1,9	-0,3

Fonte: FGV.

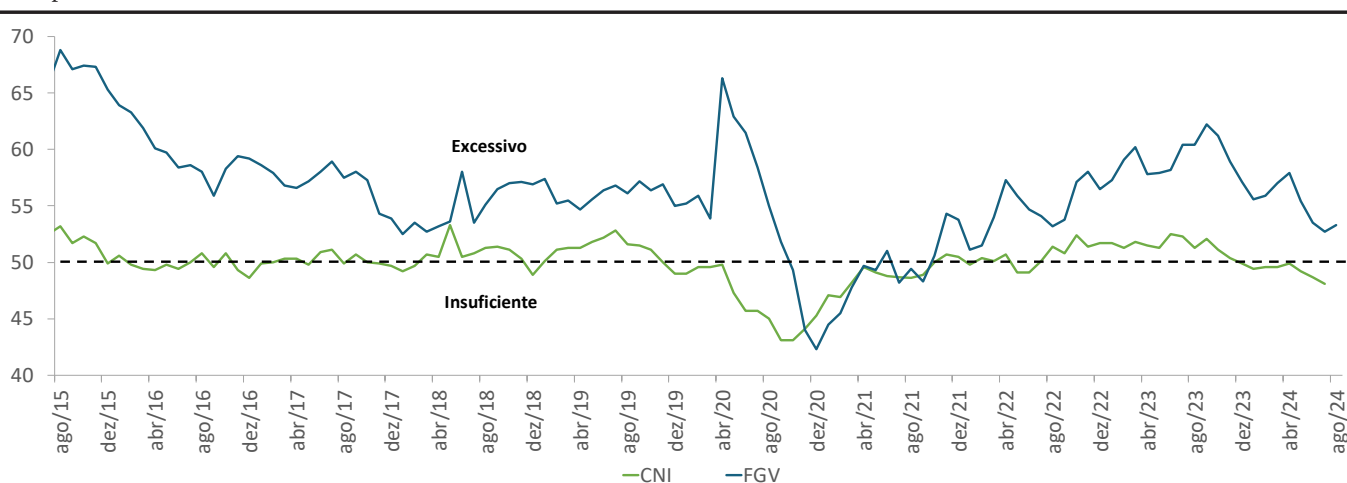
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para agosto, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha crescido 0,1% na comparação com o mês imediatamente anterior, na série sem efeitos sazonais, com alta de 2,3% ante agosto de 2023 (tabelas 5A e 5B). O resultado na margem contou com uma contribuição negativa das indústrias extrativas, que estimamos terem recuado 0,9% em agosto. Já a indústria de transformação deve registrar alta de 0,3% na mesma comparação. Entre os segmentos com peso relevante, os destaques positivos seriam veículos automotores e produtos de informática e eletrônicos, com aumentos previstos de 1,9% e 9,1%, respectivamente.

GRÁFICO 6

Produção industrial: transformação – nível de estoques acumulados

(Em pontos)



Fonte: FGV e CNI.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

Indústria e setores produtivos: desempenho recente e previsão para agosto de 2024

(Em %)

5A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Indústria geral	0,8	-0,4	-1,5	4,3	-1,4	0,1
Indústrias extrativas	0,6	-3,5	3,1	2,6	-2,4	-0,9
Indústrias de transformação	0,7	0,3	-2,4	4,9	-1,3	0,3
Alimentos	1,1	-0,6	-3,7	2,6	-3,8	-0,3
Têxtil	4,0	-2,1	3,1	1,4	-0,6	0,8
Vestuário	-4,0	5,5	-1,9	-2,2	5,5	5,8
Couro e calçados	-5,7	5,1	-3,3	-4,5	12,1	-3,4
Celulose e papel	-4,0	1,2	0,0	2,1	-3,2	0,1
Derivados de petróleo e biocomb.	-0,8	-0,5	1,6	4,7	-3,9	-1,3
Químicos	-2,1	2,1	-2,9	7,1	2,7	-2,6
Farmacêuticos	0,4	10,5	0,0	1,6	-2,6	3,3
Borracha e plásticos	-1,8	-1,0	0,8	-0,5	3,5	0,8
Minerais não-metálicos	-2,7	2,4	-2,4	0,3	2,8	0,1
Metalurgia	-2,3	1,6	-2,4	5,1	2,0	-1,6
Metais	-2,3	1,4	-1,0	2,0	8,4	1,0
Informática e eletrônicos	-9,2	-2,0	4,0	2,0	-2,6	9,1
Máquinas e materiais elétricos	-2,2	8,4	-5,2	-1,1	5,1	0,9
Máquinas e equipamentos	-3,4	5,3	-2,5	2,7	4,2	0,4
Veículos automotores	-4,8	13,4	-13,5	4,8	12,0	1,9
Outros equipamentos de transporte	-1,3	4,7	0,1	-5,4	9,0	1,7
Outros produtos	-10,3	24,9	-9,3	-3,0	18,8	-3,7
Insumos construção civil	0,2	-0,2	-3,1	4,4	1,0	-1,1

<= -13,5	< -7,1	< -0,7	< 5,7	< 12,1	>= 18,5
----------	--------	--------	-------	--------	---------

5B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Indústria geral	-2,9	8,4	-1,2	3,2	6,1	2,3
Indústrias extrativas	1,8	-1,5	-0,1	1,1	-0,4	1,5
Indústrias de transformação	-3,7	10,2	-1,4	3,6	7,3	2,4
Alimentos	-1,3	14,4	1,7	2,7	1,3	-2,9
Têxtil	-5,1	12,3	2,2	3,5	8,9	5,2
Vestuário	-10,9	16,8	1,9	-5,0	10,9	7,2
Couro e calçados	-7,9	14,8	-6,8	-2,7	14,3	2,5
Celulose e papel	2,9	4,9	5,1	8,6	3,1	0,4
Derivados de petróleo e biocomb.	2,8	0,8	-3,9	3,8	-0,6	-3,2
Químicos	-8,4	5,7	-4,0	4,1	10,5	2,0
Farmacêuticos	-16,4	-6,5	2,0	16,3	7,2	-11,8
Borracha e plásticos	0,7	8,0	4,4	1,2	11,6	6,1
Minerais não-metálicos	-2,4	9,5	-0,7	1,4	4,4	4,2
Metalurgia	-3,1	-0,4	-5,5	1,6	4,8	2,5
Metais	-5,3	14,2	-1,4	-0,3	13,9	8,5
Informática e eletrônicos	-10,7	11,0	5,9	18,4	24,4	16,3
Máquinas e materiais elétricos	-1,6	30,0	9,7	10,1	18,0	9,5
Máquinas e equipamentos	-15,4	15,6	-8,2	2,0	10,8	1,3
Veículos automotores	-6,3	31,6	-6,2	6,9	26,8	14,8
Outros equipamentos de transporte	7,7	30,7	9,0	9,8	17,7	7,2
Outros produtos	-13,1	10,2	-11,4	-7,0	19,4	8,9
Insumos construção civil	-3,2	10,9	0,1	2,3	8,6	4,5

<= -16,4	< -8,4	< -0,4	< 7,6	< 15,6	>= 23,6
----------	--------	--------	-------	--------	---------

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

O cenário referente ao comércio de bens seguiu basicamente inalterado nos primeiros sete meses do ano. Além dos ganhos reais provenientes do rendimento do trabalho, as transferências federais a famílias, inclusos a previdência e demais gastos sociais, como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), explicam boa parte deste desempenho. Além disso, a melhoria do acesso ao crédito, somada a alguma redução nos níveis de comprometimento da renda com serviços da dívida, deu mais fôlego ao consumo de bens duráveis, com destaque para automóveis. Em relação aos próximos meses, todavia, alguma desaceleração é possível, explicada em boa medida pela expectativa de menor impulso fiscal e pelo ciclo de aumento dos juros.

Nesse contexto, a PMC/IBGE indicou pequena alta em julho, com avanço de 0,1% na margem. Excluindo as vendas de automóveis, materiais de construção e o atacado de alimentos, o comércio varejista cresceu 0,6%, na mesma base de comparação. Em termos anuais, o resultado foi positivo em ambos os agregados, com altas de 7,2% e 4,4%, respectivamente (tabela 6). Após perder tração nos meses de maio e junho, a análise em médias móveis trimestrais aponta alguma aceleração em julho, com alta de 0,6%. Já o varejo restrito, mais influenciado pela renda, manteve um ritmo mais forte de crescimento ao longo do ano, acumulando uma alta de 5,5% na margem até julho. Entre os segmentos, a grande maioria registrou crescimento na comparação acumulada no ano, tanto em termos interanuais quanto na margem, com destaque positivo para as vendas de automóveis, com altas de 13,4% e 11,6%, respectivamente. Registrando queda em ambas as métricas, os destaques negativos até julho ficaram por conta dos segmentos combustíveis e lubrificantes e leitura e papelaria (gráfico 7).

TABELA 6

Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
	Mai./24	Jun./24	Jul./24	Trim. ¹	carry-over 3 trim.	Mai./24	Jun./24	Jul./24	Trim. ¹	No ano (dessaz)	No ano (yoy)	Em doze meses
Comércio varejista ampliado ²	0,8	0,3	0,1	0,6	0,6	4,9	2,1	7,2	4,7	4,1	4,7	3,8
Comércio varejista restrito ³	0,9	-0,9	0,6	1,1	0,3	7,8	4,1	4,4	5,4	5,5	5,1	3,7
1. Combustíveis e lubrificantes	-3,1	0,6	-1,1	-1,9	-1,8	-4,0	-4,0	-4,3	-4,1	-3,9	-2,2	-3,3
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,5	-2,2	1,7	0,6	0,3	10,2	3,6	3,0	5,5	0,3	5,6	5,3
2.1 Hipermercados e supermercados	0,7	-2,7	2,0	1,0	0,4	11,2	4,1	3,5	6,2	0,5	6,2	5,8
3. Tecidos, vestuário e calçados	2,4	-0,9	1,8	1,3	2,0	2,0	0,0	5,2	2,4	5,5	0,5	-0,2
4. Móveis e eletrodomésticos	-1,0	2,8	1,4	2,6	2,9	2,0	6,7	8,1	5,5	7,8	3,3	2,5
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	0,5	2,2	-1,5	2,5	0,1	13,5	15,2	16,0	14,9	14,3	14,3	11,2
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	0,0	-0,3	0,1	-0,6	-0,1	-9,0	-8,1	-5,0	-7,3	-0,3	-7,3	-8,5
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-8,7	1,6	2,2	-2,3	0,1	-0,5	5,2	0,3	1,5	1,7	2,7	3,4
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	1,5	-1,8	2,1	1,2	1,3	14,1	7,7	10,6	10,9	11,9	8,1	0,1
9. Veículos, motos, partes e peças	-2,5	4,6	3,8	2,9	6,0	10,6	7,1	20,3	12,6	11,6	13,4	12,4
10. Materiais de construção	-2,9	5,1	-0,2	1,9	2,2	-1,3	3,9	11,0	4,5	4,6	3,4	1,9
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-	-	-	-	-	-8,1	-11,6	0,6	-6,6	-	3,1	-1,0

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

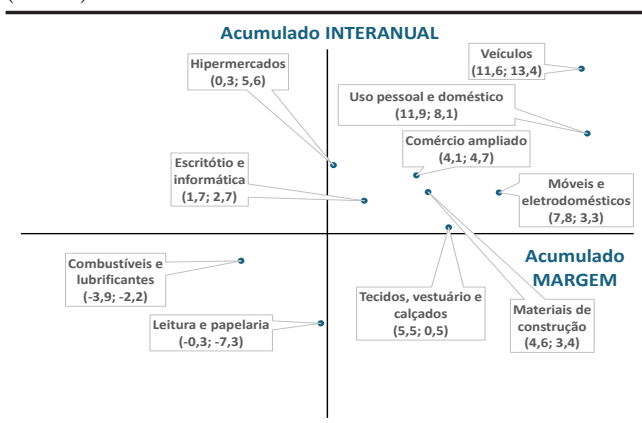
Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.² O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.³ O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Por trás dessa trajetória positiva nas vendas do comércio varejista, a massa ampliada efetiva real de rendimentos calculada pelo Ipea segue registrando crescimento. Utilizando como deflator o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tendo por base a variação acumulada na margem nos últimos doze meses até ju-

no, a massa ampliada acumulou crescimento de 6,2% em termos nominais, contra uma expansão de 4,2% do IPCA, garantindo, assim, alta de 1,9% em termos reais no período. Quando utilizamos como deflator os bens duráveis, o cenário é ainda mais favorável. Ao longo dos últimos doze meses até junho, os preços desse grupo subiram apenas 0,3%, refletindo um ganho de 5,9% no poder de compra da massa ampliada real (gráfico 8).

GRÁFICO 7
Comércio varejista: segmentos – taxas de crescimento acumuladas no ano
 (Em %)

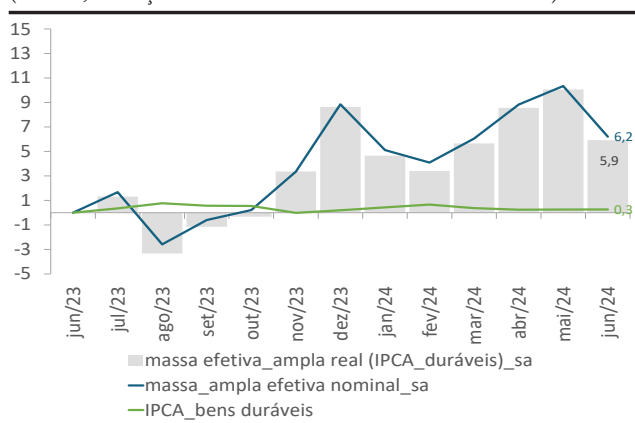


Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Além disso, a melhoria do acesso ao crédito tem fomentado a aquisição desse tipo de bens. Segundo os dados do BCB, as concessões de crédito para pessoa física acumularam um crescimento real de 10,9% entre janeiro e julho de 2024, quando comparado com o mesmo período do ano passado. O destaque fica por conta do financiamento de veículos, que registrou expansão de 32,5% na mesma base de comparação. Ainda na variação acumulada no ano, as concessões via cartão de crédito rotativo retrocederam 4,1%. Por fim, deve-se destacar também a redução ocorrida nos níveis de comprometimento da renda com serviços da dívida, cuja participação passou de 28,0% em abril de 2023 para 26,0% em junho de 2024 (gráfico 9).

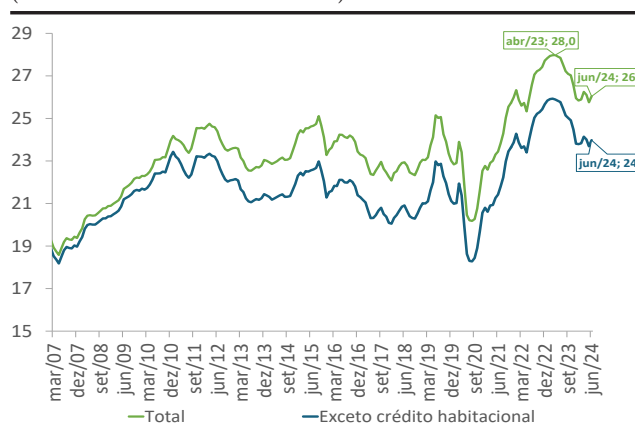
Em relação a agosto, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera pequeno recuo na margem de -0,2% e alta de 3,8% na comparação interanual para o volume de vendas no varejo ampliado. No conceito de varejo restrito, esperamos um quadro de acomodação mais forte na margem, com recuo de 1,1% (tabela 7A) e alta de 3,5% sobre agosto de 2023 (tabela 7B). Entre os segmentos com maior peso, os destaques negativos na margem foram as vendas em hipermercados (-3,1%) e veículos (-1,5%).

GRÁFICO 8
Massa ampliada real e seus componentes: deflator IPCA – bens duráveis (jun./2023-jun./2024)¹
 (Em %, variação acumulada – séries dessazonalizadas)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: ¹ Base: junho de 2023 igual a zero.

GRÁFICO 9
Comprometimento da renda das famílias com serviço da dívida (mar./2007-jun./2024)
 (Em % – séries dessazonalizadas)



Fonte: Ipea e Banco Central.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 7

Comércio varejista: desempenho recente e previsão para agosto de 2024

(Em %)

7A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Varejo ampliado	0,5	-0,9	0,8	0,3	0,1	-0,2
Varejo restrito	0,2	0,8	0,9	-0,9	0,6	-1,1
Combustíveis e lubrificantes	-0,6	2,1	-3,1	0,6	-1,1	-1,0
Hiper e supermercados	-0,2	1,7	0,5	-2,2	1,7	-3,1
Tecidos, vestuário e calçados	-0,3	-1,4	2,4	-0,9	1,8	1,2
Móveis e eletrodomésticos	-1,7	2,8	-1,0	2,8	1,4	-0,1
Artigos farmacêuticos e perfumaria	1,4	0,8	0,5	2,2	-1,5	-0,2
Veículos, motocicletas, partes e peças	-1,4	2,4	-2,5	4,6	3,8	-1,5
Material de construção	0,0	2,2	-2,9	5,1	-0,2	-0,4
	<= -3,1	< -1,7	< -0,4	< 1,0	<2,4	>= 3,8

7B – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Varejo ampliado	-1,4	5,0	4,9	2,1	7,2	3,8
Varejo restrito	5,7	2,1	7,8	4,1	4,4	3,5
Combustíveis e lubrificantes	-4,9	1,8	-4,0	-4,0	-4,3	-6,2
Hiper e supermercados	8,6	-1,3	10,2	3,6	3,0	1,9
Tecidos, vestuário e calçados	-0,9	-3,7	2,0	0,0	5,2	9,8
Móveis e eletrodomésticos	-4,4	7,9	2,0	6,7	8,1	6,8
Artigos farmacêuticos e perfumaria	11,4	19,0	13,5	15,2	16,0	12,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	1,8	29,0	10,6	7,1	20,3	5,0
Material de construção	-9,5	16,6	-1,3	3,9	11,0	3,3
	<= -9,5	< -3,1	< 3,3	< 9,8	< 16,2	>= 22,6

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços

Principal *driver* da economia brasileira, o consumo de serviços continua mantendo um ritmo de crescimento favorável. Conforme temos chamado atenção, todavia, a relação estreita entre a atividade do setor e a dinâmica do mercado de trabalho pode se tornar um fator de risco. Isto porque o aumento dos níveis de ocupação no setor tem acontecido com mais intensidade em segmentos com baixa produtividade. Num cenário em que as taxas de desocupação seguem em mínimas históricas, a pressão por reajustes salariais é uma consequência provável e esperada, gerando aumento de custos e repasses de preços em alguma medida. Segundo a PMS/IBGE, a receita real do setor cresceu 1,2% em julho, já descontados os efeitos da sazonalidade. Em termos anuais, o aumento foi de 4,3% (tabela 8). Na análise em médias móveis trimestrais com ajuste sazonal, a receita real de serviços apresentou forte aceleração do ritmo de crescimento em junho e julho, tendo registrado altas de 0,6% e 1,3%, respectivamente. Entre os segmentos, tomando por base as comparações acumuladas no ano, a maioria das atividades registrou crescimento tanto em termos interanuais quanto na margem. Os destaques positivos ficaram por conta dos serviços de telecomunicações, transporte aquaviário e outros serviços prestados às famílias. Dentro desse mesmo grupo, as atividades de alojamento e alimentação, embora apresentem alta interanual de 4,3%, acumularam queda de 3,9% na margem, entre janeiro e julho. Os destaques negativos foram os serviços de armazenagem, auxiliares aos transportes e correio; transporte terrestre; e serviços administrativos, com baixas nas duas métricas (gráfico 10).

TABELA 8
Serviços: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
	Maio/24	Jun./24	Jul./24	Trim. ¹	Carry-over 3 trim.	Maio/24	Jun./24	Jul./24	Trim. ¹	No ano (dessaz)	No ano (yoy)	Em doze meses
Total	-0,5	1,7	1,2	1,3	2,1	-0,2	0,8	4,3	1,6	3,0	1,8	0,9
1. Serviços prestados às famílias	3,1	0,4	-0,2	1,2	1,1	5,0	4,4	1,9	3,7	-2,4	4,2	3,9
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	2,3	0,6	-0,5	1,1	0,7	5,5	5,1	1,5	3,9	-3,9	4,3	4,0
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-1,6	2,8	-0,7	0,8	0,5	1,8	0,4	4,4	2,2	3,5	4,1	3,3
2. Serviços de informação e comunicação	-0,7	1,6	2,2	2,8	3,0	4,1	4,8	9,8	6,2	6,7	5,9	3,9
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	-0,6	0,4	2,8	2,0	2,9	5,3	5,0	9,0	6,4	6,2	6,0	4,3
2.1.1 Telecomunicações	-0,6	0,5	1,2	0,8	1,3	4,1	5,7	6,5	5,4	3,5	5,3	5,0
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	0,1	0,5	2,8	3,0	3,2	6,6	4,3	11,8	7,5	10,4	6,8	3,6
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-2,9	3,0	7,2	1,4	8,2	-4,7	3,2	15,8	4,6	28,5	4,8	1,2
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-1,0	2,2	4,2	1,4	5,4	-0,2	0,5	9,1	3,1	6,3	3,1	2,9
3.1 Serviços técnico-profissionais	-2,0	-1,2	15,2	2,8	13,5	6,0	0,9	23,1	9,9	24,2	9,1	6,1
3.2 Serviços administrativos e complementares	0,0	2,5	-1,4	0,5	0,2	-3,9	0,2	0,5	-1,0	-0,1	-0,5	0,5
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,5	1,7	-1,5	0,5	-0,9	-4,7	-2,7	-1,7	-3,0	0,5	-2,3	-2,5
4.1 Transporte terrestre	-3,2	0,6	-1,7	-1,9	-2,4	-4,6	-5,4	-4,2	-4,8	-2,5	-2,0	-0,5
4.2 Transporte aquaviário	-0,2	2,7	0,1	2,9	1,8	-4,4	7,4	6,7	3,0	4,0	2,8	1,9
4.3 Transporte aéreo	-14,7	11,2	-3,1	2,2	-1,5	-14,9	8,1	-0,2	-2,7	25,6	-4,1	-3,5
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,8	-0,8	0,0	2,2	0,0	-1,5	-1,8	2,2	-0,4	-1,9	-3,5	-7,3
5. Outros serviços	-0,5	-0,2	0,2	1,2	-0,1	2,6	1,4	6,0	3,3	1,5	2,9	-0,5
Atividades Turísticas²	-0,9	3,4	-0,9	2,7	1,0	-1,6	4,0	1,2	1,2	2,5	1,3	2,8

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

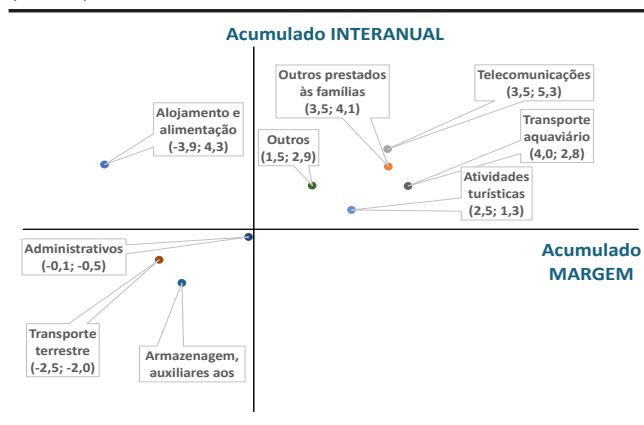
Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

Ao longo dos últimos meses a atividade de serviços enfrenta um quadro menos benigno em termos de preços. Se, por um lado, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* continua favorecendo os primeiros, por outro, os ganhos reais do poder de compra das famílias, em termos dos serviços computados no IPCA, sofreram forte redução em junho, com a variação acumulada em doze meses ficando em 1,6% (gráfico 11).

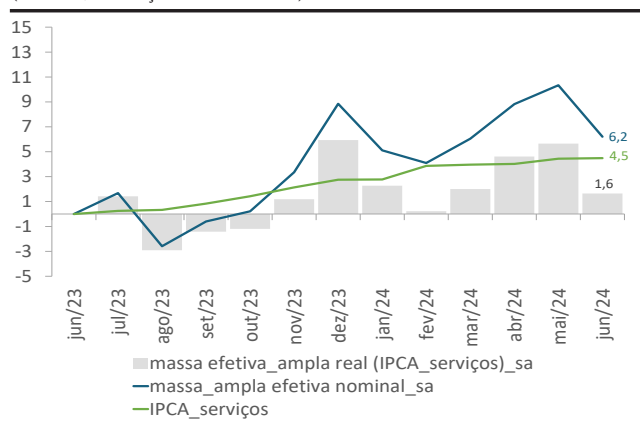
GRÁFICO 10
Serviços: segmentos – taxas de crescimento acumuladas no ano
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11
Massa salarial ampliada real e componentes: deflator IPCA – serviços (jun./2023-jun./2024)
 (Em %, variação acumulada)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: Base: junho de 2023 igual a zero.

Para agosto, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente recuo de 0,9% na série sem efeitos sazonais, atingindo um patamar 2,5% acima do verificado no mesmo período de 2023. Entre os cinco segmentos, o destaque positivo na margem fica por conta das atividades de serviços prestados às famílias (0,9%). A maior contribuição negativa veio dos serviços de informação e comunicação, com recuo de 9,6% (tabela 9).

TABELA 9

Serviços: desempenho recente e previsão para agosto de 2024

(Em %)

9A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Serviços	0,3	0,2	-0,5	1,7	1,2	-0,9
Serviços prestados às famílias	0,6	-3,4	3,1	0,4	-0,2	0,9
Serviços de informação e comunicação	4,7	0,4	-0,7	1,6	2,2	-4,9
Serviços profissionais, administrativos e complementares	3,4	-2,3	-1,0	2,2	4,2	-1,3
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,5	1,8	-1,5	1,7	-1,5	-0,1
Outros serviços	0,0	2,8	-0,5	-0,2	0,2	-9,6
	<= -9,6	< -7,3	< -4,9	< -2,5	< -0,1	>= 2,3

9B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Serviços	-2,3	4,6	-0,2	0,8	4,3	2,5
Serviços prestados às famílias	8,0	1,2	5,0	4,4	1,9	9,4
Serviços de informação e comunicação	4,3	7,4	4,1	4,8	9,8	4,1
Serviços profissionais, administrativos e complementares	0,9	3,8	-0,2	0,5	9,1	4,8
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-10,3	3,4	-4,7	-2,7	-1,7	-2,3
Outros serviços	-2,4	7,7	2,6	1,4	6,0	5,2
	<= -10,3	< -6,9	< -3,6	< -0,3	< 3,1	>= 6,4

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

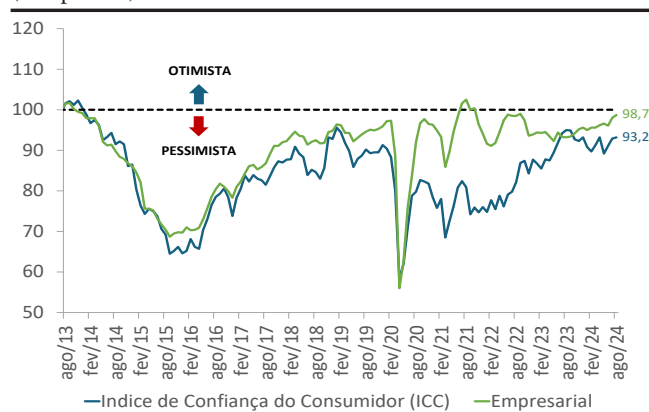
5 Confiança

Com relação às pesquisas qualitativas, o ICE, calculado no âmbito das sondagens setoriais da FGV, atingiu o patamar de 98,7 pontos em agosto. O resultado representou um avanço de 0,7 ponto sobre o patamar de julho, na série dessazonalizada (gráfico 12). Entre os setores, enquanto o nível médio de confiança dos empresários da indústria de transformação permaneceu estável na zona que denota otimismo, os empresários dos setores de serviços e da construção indicaram alguma melhora, aproximando-se da zona de neutralidade. O destaque negativo mais uma vez ficou por conta do comércio, que registrou queda de 1,8 ponto na margem, contrastando com o aumento na confiança dos consumidores. Os empresários do varejo ficaram mais pessimistas em relação aos próximos seis meses, enquanto a avaliação da situação atual melhorou. Já a CNI, por meio da pesquisa Sondagem Industrial, aponta um crescimento do setor em agosto, com expansão da produção, número de

GRÁFICO 9

Indicadores de confiança: empresários versus consumidores – séries dessazonalizadas (ago./2013-ago./2024)

(Em pontos)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

empregados e Nuci. Por fim, segundo o PMI, calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em agosto permaneceu na zona que indica crescimento, embora a atividade na indústria tenha desacelerado para uma quase estagnação.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Debora Mesquita Pimentel
Felipe dos Santos Martins

Equipe de Assistentes:

Beatriz de Luna Barreto
Marcelo Guedes Pecly
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe Administrativa:

Amanda Fernandes Tatagiba
Lidiane Santos de Souza
Aline Conceição Santos
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
